

5 Conclusão

Ao fim das análises das obras de Vilanova Artigas e Oscar Niemeyer, talvez tenha prevalecido a impressão de que os diálogos com a tradição se dão de maneira oposta em cada um deles. Isso porque a abordagem de Niemeyer parte de uma noção idealizada de beleza formal – que permite aproximá-lo do ideal de beleza grego –, enquanto Artigas incorpora ao projeto suas convicções políticas, voltando-se para a ação concreta na sociedade – o que facilita estabelecer afinidades com a atitude cívica da arquitetura romana. Essa distinção não deve, no entanto, conduzir a uma polarização radical, levando à conclusão apressada de que cada um dos arquitetos *pertença* a esta ou aquela “tradição”, localizadas em momentos distintos da história da arquitetura. Vale reafirmar que este trabalho não teve como objetivo comprovar qualquer tese dessa natureza, e sim favorecer o debate, para que o tema possa amadurecer ao lado de contribuições futuras.

Se há de fato aspectos opostos na maneira com que cada arquiteto foi relacionado à tradição, parece, a essa altura, mais interessante ressaltar aspectos que os aproximem, e que permitam sintetizar o que afinal ficou compreendido como “tradição arquitetônica”, quando este conceito se conecta à arquitetura moderna. A expressão não traz em si um esclarecimento imediato, pois, a princípio, toda a história da arquitetura caberia nela, incluindo até mesmo o Modernismo. Pode-se, por outro lado, compreender o conceito de tradição associando-o à linguagem clássica, mas aí também não se ganha um limite preciso, pois ficam excluídos de saída apenas a arquitetura oriental, a gótica e a moderna. Ainda seria preciso definir se essa “tradição clássica” diz respeito apenas à Antiguidade greco-romana, ou se é possível estendê-la para o Renascimento e o Barroco, para o Neoclassicismo ou até às vésperas do Modernismo, para a produção acadêmica do século XIX. Essa precisão não teve maior relevância para o discurso que afirmava a arquitetura moderna como ruptura radical com o passado e defendia uma nova estética sem precedentes históricos.

Ao longo do trabalho, vimos que arquitetos modernos como Artigas e Niemeyer, atuando num país que nunca es-

teve no centro da “tradição clássica” – independente de como ela for definida –, produziram obras que podem ser relacionadas a diferentes momentos da história da arquitetura, desde os seus primórdios na Antiguidade greco-romana até os séculos XVIII e XIX, incluindo também os exemplos mais contemporâneos do século XX. Mais importante, talvez, do que atentar para *quais* referências valem para cada arquiteto, seja agora reafirmar *como* ambos se relacionam com elas. Vimos que nenhum deles adota citações figurativas da linguagem clássica, e que suas obras, mesmo dotadas de conotações simbólicas, permanecem indiscutivelmente no regime *autônomo* da arquitetura moderna. É por isso que as relações que estabelecem com exemplos do passado acontecem primordialmente por meio da reinterpretação tipológica. Sendo o tipo, como vimos, um esquema conceitual que não determina previamente a configurações formais, é possível atualizá-lo incorporando-o à linguagem moderna.

Essa disciplina formal – que, lidando com referências de diversas naturezas (figuras geométricas ou edifícios do passado), mantém-se como prática autônoma – configura-se, por fim, como uma *tradição*, pois, nascida no Neoclassicismo, continua a se desenvolver com a arquitetura moderna. A compreensão da produção do século XX como parte dessa “tradição disciplinar” invalida a idéia de que o Modernismo rompeu de modo radical com todo e qualquer passado. Uma vez, porém, que se possa conceber esse conceito de tradição como algo *dinâmico*, capaz de absorver transformações ao longo do tempo, podemos reconhecer a profundidade das inovações produzidas pela arquitetura moderna e, ao mesmo tempo, compreendê-la como debitária da prática autônoma inaugurada no século XVIII. A arquitetura moderna não funda, afinal, uma disciplina inteiramente nova, como ocorreu na modernidade com outros campos do saber. E, se é certo que dentre suas principais conquistas está a derrubada das últimas trincheiras da antiga noção de autoridade – associada à evocação do passado –, isso não impediu que a produção moderna continuasse a dialogar com exemplos da história, desde que esses fossem processados na nova linguagem, deixando de comunicar conteúdos *a priori* para participar da construção do sentido atual da arquitetura.

É essa visão da tradição como *disciplina projetual autônoma* que permite incorporar nela a produção moderna brasileira, pensando a relação de algumas obras com exemplos longínquos do passado, sem que seja preciso fazer costuras forçadas entre realidades históricas tão diversas. As análises aqui esboçadas não pretenderam inventar filiações de Oscar Niemeyer à tradição grega ou de Vilanova Artigas à

tradição romana, mas buscaram investigar como a história continuou participando da construção do sentido simbólico de obras tão representativas da arquitetura brasileira, ainda que essas tenham, sem dúvida, sido concebidas segundo o princípio moderno de atualidade.